



# ECCE Link

Nr. 36 – April 21, 2021

Published by European Co-operation in  
Anthroposophical Curative Education and Social Therapy  
Hasenöhrstraße 12, 1100 Vienna, Austria  
tel. +31 6 5020 4989; [info@ecce.eu](mailto:info@ecce.eu);

Editors: B. Heldt, T. Kraus, R. Chwatal

## Content

1. ECCE General Meeting 2021
2. Questions to the ECCE members
3. Report ASTA - A 20 years' journey

☪ ★ ☪

## 1. ECCE General Meeting 2021

ECCE General Meeting 2021 will be, due to the Covid travel restrictions, again a **virtual** meeting and will be held on

**Saturday, June 26, 2021 - from 2 pm to 6 pm**

(with a short break between the official part of the GM and the reports from the countries).

ECCE will give a contribution of the mission of ECCE enabling to reflect on the work ECCE does in connection with EASPD, EDF and Inclusion Europe.

The detailed programme is being worked out at the moment and we will inform you accordingly as soon as possible.

Hope to seeing all of you again on this (only virtual) occasion

☪ ★ ☪

## 2. Questions to the ECCE members

From the ARTICLES OF ASSOCIATION ECCE

### Article 3. PURPOSE OF ECCE

1. The association has as its purpose the promotion of the interests and needs of people with special needs within Europe. The ideas and impulses of anthroposophical curative education and social therapy, as developed and upheld by the International Council for Curative Education and Social Therapy within the Medical Section of the School of Spiritual Science in Dornach, Switzerland, are the essential basis for this work.
2. The association will in particular devote itself to the realisation of this task by way of the following goals:
  - a) The right of people with special needs to live in our society and the provision of specific assistance for the individual.
  - b) Freedom of movement throughout Europe for people with special needs, including access to and financial support for any necessary social and therapeutic help.
  - c) Freedom to initiate, form and found establishments for education, training, work, social experience, and the care and encouragement of people with special needs as well as the financing and maintenance of such establishments.

#### **Inclusion is about:**

- Participate in society, being welcome and belong,
- Being accepted and not excluded,
- Get appreciation and have a good life,
- Fulfilling social roles,
- Do something useful and make your own choices.

Inclusion is a two-way street. The person must want to participate, but society must also be open to this. Or else it will be very difficult. We also call this pull and push factors (you can push a person to society, but society must also attract the person to society).

**ECCE represents persons with special needs and their relatives, therefore the Committee would appreciate your answers on the following questions:**

- To what extent do you have the impression that society in your country is already structured in such a way that persons with special needs, f.e. your son, daughter, brother or sister can lead as full a life as possible?
- To which aspects should society pay attention to enable their inclusion?
- Does your society today offer sufficient support to persons with special needs?
- Do you experience that persons with special needs have the same opportunities in your society as other people, f.e. concerning living conditions and freedom of choice?
- Are persons with special needs in your society treated with respect and not discriminated against?
- How can we improve society's attitude towards persons with special needs?
- Do children receive education regarding the rights of persons with special needs?
- Do persons with special needs receive accessible information about their rights and things that can be helpful to them?
- Are there enough suitable places where persons with special needs can do meaningful work?

Bernard Heldt – Vice President ECCE

**ECCE would very much appreciate to have your answers by e-mail to [renate.chwatal@gmx.at](mailto:renate.chwatal@gmx.at), until May 20th, 2020 when the Committee may discuss this theme with a summary of your answers.**

### 3. ASTA - 20 anos de caminhada

(English translation at page 7-11)



A Associação Sócio-Terapêutica de Almeida, Instituição Particular de Solidariedade Social – ASTA, nasceu há 20 anos numa pequena aldeia do interior de Portugal. O sonho e a visão que levaram à fundação da ASTA continuam (e continuam a conter) em si, uma vontade de encontrar caminhos dignificadores e inclusivos para as pessoas com deficiência intelectual e multideficiência, a partir dos 18 anos.

Eu, como mãe de um filho com deficiência, procurei vias e conhecimentos para dar uma resposta diferenciadora e adequada às pessoas como o meu filho. A Formação em Pedagogia Curativa e Socioterapia abriu-me novos horizontes e permitiu, com outros, a realização do sonho.



Este lugar, a aldeia onde nasci, no centro de Portugal, anunciou-se como o sítio certo, natural e ainda puro, propício para o desenvolvimento deste projeto de vida. Os pais e familiares das pessoas com deficiência, nesta região, não viam quaisquer perspectivas de futuro dignificadoras para os seus filhos.

Foi então que o sonho começou a tomar forma e, a luta para o desenvolvimento de uma comunidade socioterapêutica inserida nesta pequena comunidade rural, instalou-se. Inicialmente deu lugar a ceticismos e receios (para quem não conhecia esta realidade) mas, também deu lugar a grandes e esperançosas expectativas, por parte das pessoas com deficiência (os nossos companheiros) e também das suas famílias.

Iniciámos assim o século 21, com mudança de paradigma, em relação ao sistema social implantado no nosso país, à época ainda com respostas estereotipadas e muito assistencialistas. Realço como exceção, a existência da Casa Santa Isabel, *nossos irmãos mais velhos*, em São Romão, perto da Serra da Estrela; a única organização em Portugal que, nessa época, já avançava exemplarmente, com a criação de uma comunidade de vida, tendo como base a Pedagogia e a Socioterapia antroposóficas.



A força intrínseca dos companheiros, a sua singularidade de vida, o seu espírito de sacrifício, a sua capacidade de alegria esperançosa e a sua resiliência, foram os motores que nos impeliram e nos deram o entusiasmo para, passo a passo, irmos construindo um projeto de vida com sentido e com uma abordagem de acompanhamento vivencial, biopsicossocial e espiritual.

Foi ousado e difícil o início deste caminho, com este modo de vida! dificilmente entendível para os outros, para a sociedade e para a própria engrenagem do sistema social implantado. Foi necessário um profundo trabalho de aprendizagem recíproca, com as famílias, no sentido da aceitação de um novo futuro para os seus filhos: **para** se desprenderem do estigma humano e social pelo facto de terem filhos com deficiência; **para** perceberem que os seus filhos tinham uma biografia e percurso a cumprir como qualquer cidadão; **para** aceitarem a construção de um projeto de vida para eles e com eles para além da sua casa e da sua família; **para** vislumbrarem e lutarem pelo direito a espaços sociais adaptados, com a recreação de uma vida de cidadania correspondente às capacidades e anseios (latentes) em cada um.

No entanto, a aceitação do novo paradigma, assim como o reconhecimento das pessoas com deficiência como cidadãos plenos, com direitos e deveres, capazes de alindar o nosso tapete social e não sobrecarregá-lo, começou a acontecer.

A Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência da Organização das Nações Unidas, em 2006, emanou um novo interesse e um outro olhar que vieram reforçar os intentos e as estratégias, já em curso, nesse tempo. Sabemos que o acentuar destas estratégias têm um carácter sociopolítico, muito abrangente, mas indispensável na defesa dos direitos humanos e da não discriminação. As novas e mais recentes emanações normativas a nível europeu no sentido da autodeterminação e da “normalização”, sendo intentos politicamente corretos, carecem de um olhar atento e menos generalizado.

Nós familiares, educadores e acompanhantes de vida destas pessoas, sabemos da singularidade destes seres que precisam de olhares e escutas mais atentos; sabemos da mensagem humana e social que aportam, tão preciosa, e que pode ser tão edificante nos tempos que correm. Sabemos que incluir para tentar “normalizar” não é o trajeto mais saudável para quem não tem, nem terá, a mesma linguagem e as mesmas ferramentas à disposição. As boas intenções, na tentativa desesperada de “normalizar” podem levar a impotências e a desvios de caminhos e até, acrescentar doenças mentais. Eles, companheiros, têm outras potencialidades e finalidades na sua existência que precisam ser devidamente despertadas e enquadradas para que possam cumprir a sua caminhada. Assim deveria ser com qualquer grupo social, tendo em conta as suas especificidades humanas.

A ASTA, ao longo destes 20 anos tentou introduzir um novo olhar e um novo apreço pelas pessoas com deficiência.

Escolhemos uma aldeia rural, com pouca gente, onde muitas casas se encontravam ao abandono. Algumas dessas casas e terras de cultivo foram-nos oferecidas para pôr ao serviço da nossa organização. A recuperação das casas para vivermos e o cultivo das terras como ferramenta pedagógica, ocupacional, mas também produtiva, constituíram os primeiros passos na nossa inclusão comunitária.

Ao mesmo tempo –com as pessoas “especiais” e por causa delas - reavivámos tradições, recuperámos património, demos vida às terras em abandono, introduzimos animais domésticos



nas nossas actividades; animámos as ruas de uma aldeia desvitalizada, participámos ativamente nos eventos culturais e nos ritmos da comunidade, acrescentámos-lhe novas cores e adoptámos ações de entreaajuda com os mais velhos.

Aconteceu assim, naturalmente, uma inclusão bilateral, espontânea e gradual que, a pouco e pouco, levou ao crescimento da ASTA tanto físico como anímico. Além da logística na aldeia

outros equipamentos de raiz foram construídos num espaço próximo, rodeado por uma natureza apaziguadora. Ateliers de trabalho (Olaria, Carpintaria, Tecelagem, Ciclo da lã) uma piscina terapêutica, campo de jogos, uma pequena quinta com estufa para cultivo em continuidade e com agro-pecuária. Ocupámo-nos entusiasticamente na defesa do ecossistema. Entremeámos o nosso sentido de trabalho ocupacional e de vida, ritmicamente, com momentos terapêuticos, de cultura ou de lazer, dependendo das necessidades individuais e/ou grupais. A fisioterapia, arteterapia, hidroterapia, hipoterapia, música e canto, expressão dramática, dança etc. Tentamos, enfim, dar sentido à nossa existência com uma abordagem holística, enquanto seres individuais e grupais.

Sentimo-nos agora fazendo parte de um todo. Interagimos com as escolas e as instituições de todo o concelho. Elas vêm até nós para aprender e colaborar; estabelecemos ritmos, calendários anuais, pedagógicos e culturais que começaram a fazer parte do nosso ADN e que a sociedade civil, em expectativa, espera e partilha.

A nossa vontade, com o propósito de criar respostas sociais, num contexto de inclusão cidadã com projeto de vida adaptado, só foi e é possível com a criação de uma figura organizacional/institucional reguladora e orientadora.

Felizmente, o nosso Sistema Social Português está atento a esta realidade específica, no país. No que nos concerne, temos o Centro de Segurança Social Regional que apoia, acompanha e acolhe, cada vez mais, as nossas idiossincrasias. Reconhece-as como boas práticas, a ter em conta.

Vamos reforçando a indispensável interação com os familiares ou os tutores dos companheiros (devemos ter em conta a inexistência de família em muitos casos) no sentido de debater biografias, informar e vivenciar experiências com os seus educandos. Fomentamos assim o reconhecimento de capacidades e particularidades que nas habituais práticas, e relações familiares, não são reconhecidas.

Temos um ritmo anual muito profícuo para todos, *A Semana dos Familiares*. -Durante uma semana os familiares seguem os mesmos ritmos e actividades dos companheiros. Experimentam formas de fazer e de sentir. Depois, conjuntamente, constroem uma performance animativa que aportam a toda a comunidade, na tarde cultural de sexta feira. Este ritmo anual revela-se de grande importância para os familiares já que permite um outro olhar e um outro respeito no reconhecimento das capacidades inusitadas e do papel humano e social dos seus filhos ou protegidos.

A nossa comunidade terapêutica ASTA vai crescendo conforme as possibilidades e necessidades manifestadas em cada ciclo. A sociedade civil, o Grupo de Amigos, organizações com responsabilidade social continuam pontualmente a seguir-nos e a apoiar-nos em ações e investimentos considerados necessários.

Fizemos 20 anos e chegámos à idade adulta. Há companheiros que pedem novos desafios e outros que envelheceram e fragilizaram ficando menos proativos e requerendo um olhar mais assistencialista e menos interventivo grupalmente. Nós pais, educadores e todos os conhecedores desta realidade inerente às pessoas com deficiência mental e multideficiência, sabemos que é preciso construir-lhes um futuro com dignidade em que eles possam SER, até ao final dos seus dias.

Permitir-lhes, com os devidos enquadramentos, humanos e socioterapêuticos, que tenham o suporte assente em três pilares que julgamos desejáveis para qualquer cidadão: Uma ambiência de **família**, para os afetos e corresponsabilização; um **trabalho** adaptado, para a contribuição cidadã; um **grupo social**, para o sentido identitário e de pertença.

Celebrámos o nosso aniversário com o lançamento de novos desafios, apesar de todas as adversidades deste tempo que todos vivemos, e talvez também por isso. Urge olharmos para a sustentabilidade de uma forma abrangente e participativa. O nosso grupo sente a responsabilidade de contribuir, à sua maneira, para um mundo melhor.

-Nasceu o projeto **Contigo, Há Descoberta...** É um projeto, na área do turismo social e de natureza, que visa uma inclusão bilateral e um reconhecimento dignificador da diferença. Alguns dos nossos companheiros (mais autónomos) já adquiriram competências, nos seus ateliers artesanais, susceptíveis de poderem ser passadas a outros; conhecem caminhos na nossa paisagem local e regional em que podem ser guias, na natureza, no património e na história. Por outro lado temos gente/público, que procura tempos de lazer e aprendizagem social, fora dos rebuliços consumistas.



Criámos, neste projeto, um ritmo de fins de semana, ou eventuais períodos sazonais, onde grupos poderão usufruir da nossa logística com os nossos saberes, as nossas vivências, a nossa gastronomia e a nossa paisagem privilegiada e ainda pura. Os mestres principais serão os nossos companheiros.

-Lançámos, o nosso tão esperado projeto, A FONTE, candidatando-o a um programa nacional, o PARES. Será um equipamento em relação íntima e dentro do puzzle construtivo já existente, nos nossos espaços, rodeados por uma natureza ampla e privilegiada. É o lugar para os que foram envelhecendo e fragilizando e precisam, agora, de mais cuidados de alma.

Há um apelo de algumas pessoas da sociedade civil (familiares, voluntários e pessoas em reforma profissional) que manifestam vontade em construir pequenas habitações, enquadradas no espaço circundante da FONTE, para poderem, em continuidade ou circunstancialmente, interagir com este grupo de companheiros. Seria algo de inovador e muito saudável para todos. Esperançamos agora a aprovação da candidatura em causa para que a construção deste projeto possa desenrolar-se com brevidade.

-Iniciámos também um processo formativo de apoio na revitalização processual e humana da nossa organização. Ter mais consciência, melhor preparação e mais motivação e competência, são requisitos que não podemos descuidar. Já não bastam boas vontades. Precisamos de compromissos esclarecidos e eficazes para podermos, responsavelmente, acompanhar vidas que têm um caminho especial a fazer.

Fazemos parte da Federação Hispano Portuguesa para a Pedagogia Curativa e a Socioterapia que nasceu da vontade de as instituições portuguesas e espanholas se juntarem, numa forma mais irmanada e atuante: na divulgação, no apoio, na partilha e na disseminação formativa. Poderemos assim, neste impulso federativo, e com a ajuda e reconhecimento da ECCE, sair mais reforçados para que, de uma forma viva e atuante, o espírito e a prática da socioterapia antropológica, possam perdurar saudáveis e edificantes numa sociedade carecida de humanidade e de esperança.

Deixo aqui a crença e princípios que nos norteiam na nossa ação:

*Creemos que toda a pessoa, qualquer que seja o seu estado mental, é mais do que a sua aparência física, e que, todo o ser humano está dotado de uma existência individual. Nenhuma deficiência física ou mental é um acaso ou uma desgraça, ela tem um sentido e uma finalidade: ajudar a transformar o curso de uma vida.*

*Como qualquer Ser, obrigado a lutar contra diversos obstáculos e doenças, a pessoa necessitada de cuidados especiais deverá aprender a viver com as suas dificuldades e particularidades, dominando-as e procurando o possível.*

**O grande objectivo e missão da ASTA são: ajudar nessa aprendizagem e nessa procura, dando-lhes um sentido.**

Maria José Dinis de Fonseca, Fundadora y directora ASTA

ASTA es una institución cofundadora de la federación hispano-portuguesa.

Ella misma es Madre de Marco, un joven adulto con necesidades especiales a través del cual encontró la Pedagogía Curativa y Terapia Social y, después de formarse en CAMPHILL Saint Prex- Suiza, fundó ASTA.

[www.assterapeutica.com](http://www.assterapeutica.com) - <https://www.assterapeutica.com>



## ASTA - A 20 years' journey



The Sociotherapeutic Association of Almeida, a private institution of social solidarity - ASTA, was born 20 years ago, in a small village in the region called the Interior of Portugal. The dream and vision that led to the founding of ASTA involved (and continues to involve) a desire to find dignified and inclusive paths for people with intellectual disabilities and multi-disabilities, from the age of 18 years old.

I, as the mother of a disabled child, sought ways and knowledge to give a differentiating and appropriate response to people like my son. Training in Curative Pedagogy and Socioterapy opened new horizons for me.



This place, the village where I was born, in the center of Portugal, presented itself as the right place, natural and still pure, for the development of this life project. The parents and relatives of people with disabilities, in this region, did not see any dignified futures for their children.

This is how the dream began to take shape and the struggle for the development of a sociotherapeutic community within this small rural village settled in. Initially it brought on skepticism and fear (for those who did not have experience with the reality of disabled children), but it also created great and hopeful expectations for people with disabilities (who we call our companions) and their families.

So we started in the 21st century, with paradigm changes, in relation to the social system implanted in our country, at the time with responses that are still stereotyped and very assistentialist. I highlight the existence of the “Casa Santa Isabel”, our older brothers, in São Romão, near the Serra da Estrela; which is the only organization in Portugal that, at that time, was already on its way, exemplarily, with the creation of a life community based on an anthropological pedagogy and sociotherapy.

The intrinsic strength of the companions, their life’s singularities, their spirit of sacrifice, their capacity for hopeful joy and their resilience were the engines that impelled us and gave us the enthusiasm to, step by step, build a meaningful project of life and an experiential, biopsychosocial and spiritual approach of accompaniment.



It was bold and difficult to start this journey, with this way of life, difficult to understand for others, for the society and for the very gears of the implanted social system.

It was necessary to work deeply with the families, as a reciprocal learning, in order to accept a new future for their children: to let go of the human and social stigma of having children with disabilities; to understand that their children had a biography to fulfill as any citizen; to accept the construction of a life project for them and with them, in addition to their home and family; to envision and fight for adapted social spaces, with the recreation of a life of citizenship corresponding to the abilities and desires (latent) of each one.

However, the acceptance of the new paradigm, as well as the recognition of people with disabilities as citizens with rights and duties, capable of bridging our social carpet and not overloading it, as it was the case in the most socially widespread opinion, began to happen.

The United Nations Convention on the Rights of Persons with Disabilities, in 2006, launched another interest and a different perspective that reinforced the various intentions and strategies already underway at that time. We know that the accentuation of these strategies have a socio-political character, which must be taken into account as an indispensable practice for the defense of human rights and non-discrimination.

The new and more recent normative emanations at the European level in the sense of self-determination, of “normalization”, being politically correct intentions, need to be seen with attentive and to be less generalized. We, family members, educators and life companions of these people, know the uniqueness of these beings who need more attentive care and listening; we know about the human and social message that they bring, so precious, which can be so uplifting in these times. We know that involving in effort to “normalize” is not the healthiest way for those who do not have, nor will they have, the same language, the same tools at their disposal. Good intentions in the desperate attempt to “normalize” may incur impotence and deviation from the path and even reinforce mental illness.

The new and more recent normative emanations at the European level in the sense of self-determination, of “normalization”, being politically correct intentions, need to be seen with attentive and to be less generalized. We, family members, educators and life companions of these people, know the uniqueness of these beings who need more attentive care and listening; we know about the human and social message that they bring, so precious, which can be so uplifting in these times. We know that involving in effort to “normalize” is not the healthiest way for those who do not have, nor will they have, the same language, the same tools at their disposal. Good intentions in the desperate attempt to “normalize” may incur impotence and deviation from the path and even reinforce mental illness.





They, companions, have other potentialities and purposes in their existence that need to be awakened and framed, properly, so that they can fulfill their journey. This way, they should be included with any social group, taking into account their human specificities.

Over these 20 years, ASTA has tried to introduce a new way of looking at people with disabilities, thus leading to a new appreciation for them.

We chose a rural village (for our program, to work in, etc.), with few people, where many houses were abandoned. Some of these houses and farmland have been offered to us for our organization's service. The recovery of houses for us to live in and the cultivation of land as a pedagogical and occupational tool were the first steps in our community inclusion.

At the same time, – with “special” people and because of them - we revived traditions, recovered heritage, gave life to abandoned lands, introduced domestic animals into our activities; we animated the streets of a devitalized village, participating actively as well in cultural events and in the rhythms of the community, adding new colors to it and adopting self-help actions with the elderly.

Thus, a bilateral, spontaneous and gradual inclusion happened naturally, which, little by little, led to the growth of ASTA, both physical and soulful. Beyond the logistic in the village, other equipment was built from scratch in a nearby space, surrounded by soothing nature. Craft workshops in pottery, carpentry, weaving and wool cycling are all parts of our organization, including a therapeutic swimming pool, a playground, and a small farm with a greenhouse for continuous cultivation and agriculture, with livestock. We are enthusiastically engaged in the defense of the ecosystem. We intermingle our sense of occupational and life work, rhythmically, with therapeutic, cultural or leisure moments, depending on individual and / or group needs. Physiotherapy, art therapy, hydrotherapy, hippotherapy, music and singing, dramatic expression, dance etc. are common practices at ASTA. Finally, we try to make sense of our existence with a holistic approach, as individual and group beings.

We now feel that we are part of a whole. We interact with schools and institutions across the county. They come to us to learn and collaborate; we established rhythms, annual, educational and cultural calendars that started to be part of our DNA and that the civil society, in expectation, waits and shares.

Our aim, with the purpose of creating social responses, in a context of citizen inclusion with an adapted life project, was and is only possible with the creation of an organizational / institutional figure that regulates and guides.

Fortunately, our Portuguese Social System is aware of this specific reality in the country. As far as we are concerned, we have the Regional Social Security Center that supports us more and more. They also monitor and welcome our idiosyncrasies. The organization is grateful to the Centro de Segurança Social Regional and recognize them as having good practices, that are always taken into account.

We reinforce the indispensable interaction with the companions' family members or tutors (we must take into account the lack of family/relatives in many cases) in order to discuss biographies, inform and live experiences with their educators. Thus, we encourage the recognition of abilities and particularities that are not recognized in usual practices, nor in family relationships.



We have a very profitable annual event for everybody, a “Family Week”. - For a week, the family members follow the same rhythms and activities of the companions. They experience ways of doing and feeling. Then, together, they build an animated performance that contributes to the whole community, presented on what we call the Friday’s cultural afternoon.

This annual event proves to be of great importance for family members since it allows them to discover respect in recognizing the unusual abilities and the human and social roles of their children or protégés.

Our therapeutic community ASTA grows according to the possibilities and needs expressed in each cycle. The civil society, the Group of ASTA’s Friends, and socially responsible organizations continue to follow us and support us in actions and investments deemed essential.

We turned 20, and reached adulthood. There are companions who ask for new challenges and others who have aged and become more fragile, becoming less proactive and requiring a more assistentialist and less interventionist group gaze. We parents, educators and all those who know this reality inherent to people with mental disabilities and multi-disabilities, know that it is necessary to build a future with dignity in which they can BE, until the end of their days. Allow them, with the appropriate frameworks, human and sociotherapeutic, to have support based on three pillars that we consider desirable for any citizen: A **family** atmosphere, for affection and co-responsibility; adapted **work**, for the citizen contribution; and a **social group**, for the sense of identity and belonging.


We celebrated our anniversary with the launch of new challenges, despite all the adversities of this time that we all live in, and perhaps also because of that. We urgently need to look at sustainability in a comprehensive and participative way. Our group feels the responsibility to contribute, in its own way, to a better world.

The “Contigo, Há Descuberta” (With You, There is Discovery...) project was born ... It is a project, in the field of social and nature tourism, which aims a bilateral inclusion and a dignifying recognition of difference. Some of our (more autonomous) companions have already acquired skills in their craft workshops. These skills could be passed on to others; they know paths in our local and regional landscape in which they can be guides, and share nature, heritage and history’s richness. On the other hand, we have people / the public, looking for leisure and social learning activities, outside of the consumerist hustle and bustle.

In this project, we created a rhythm of weekends, or seasonal changes. Groups enjoy the fruit of our organization through our knowledge, our experiences, our gastronomy and our privileged and still pure landscape. The project’s main actors will be our companions.

We launched our long-awaited project, A FONTE, applying for a national program, the PARES. It is the missing piece that would complete the already existing constructive ASTA puzzle. It is the place for those companions who need continued spiritual care due to growing old and weak. The building that will be dedicated to them will be in intimate relationship with the surrounding nature, in our wide open spaces.

There is an expressed interest from some citizens (family members, volunteers and professionally retired people) of building small houses, framed in the surrounding space. A FONTE will be able to, continuously or circumstantially, interact with this group of companions. It would be something innovative and very healthy for everyone. We now hope that this application gets approved so that this project’s construction can proceed quickly.



We also started a training process to support our organization's procedural and human revitalization. Having more awareness, better preparation and more motivation and competence are requirements that we cannot neglect. Good will is no longer enough. We need clear and effective commitments so that we can responsibly accompany lives that have a special path.

We are part of the Portuguese Hispanic Federation for Curative Pedagogy and Psychotherapy that was born out of the desire for Portuguese and Spanish institutions to come together, in a more united and active way to disclose, support, share and formatively disseminate their work. We will thus be able, in this federative impulse, and with the help and recognition of the ECCE, to come out stronger. This will enable a lively and active way of life for the companions. The spirit and practice of anthroposophical psychotherapy can remain healthy and uplifting in a society often showing a lack of humanity and hope.

I leave here the belief and principles that guide us in our action:

*We believe that everyone, whatever their mental state, is more than their physical appearance, and that every human being is endowed with an individual existence. No physical or mental handicap is a fluke or a misfortune, it has a meaning and a purpose: to help transform the course of a life.*

*Like any Being, forced to fight against various obstacles and diseases, the person in need of special care must learn to live with his difficulties and particularities, mastering them and looking for the possible.*

**ASTA's main objective and mission are: to help in this learning and searching process, turning them meaningful.**

Maria José Dinis de Fonseca.

Founder and director ASTA, a co-founding institution of the Spanish-Portuguese Federation. She herself is the mother of Marco, a young adult with special needs through whom she found Healing Pedagogy and Social Therapy and, after training at CAMPHILL Saint Prex-Switzerland, she founded ASTA.

[www.assterapeutica.com](http://www.assterapeutica.com) - <https://www.assterapeutica.com>